

Macaquitos no sótão: Argentina, Brasil e questão racial nas revistas ilustradas da Belle Époque.

JOÃO PAULO C. S. RODRIGUES*

Na sua edição de 24 de outubro de 1908, a revista *Careta* reproduziu uma charge do jornal argentino *Sarmiento*, que representava o Barão do Rio Branco, então ministro brasileiro das relações exteriores, vestido com uma longa capa felpuda e com uma coroa imperial na cabeça. A charge, aparentemente, foi publicada na primeira página do jornal. E ela tinha mais: Rio Branco segurava um realejo, sobre o qual se encontrava um macaco vestido como uma mulher. Abaixo do desenho, vinha uma legenda, que a reprodução da *Careta* não mostrava com nitidez. Mas a legenda da *Careta* era legível, embora seca: “Caricatura publicada no ‘*Sarmiento*’ de Buenos Aires a 29 de setembro”.

A revista ilustrada carioca, como suas congêneres mais famosas do período, não costumava publicar comentários muito extensos sobre as imagens que publicava, fossem caricaturas, charges ou fotos suas, fossem reproduções de outras publicações. Havia um certo descompasso entre os textos e as ilustrações ou imagens. Isso era proposital, e certamente visava indicar ao leitor que aquelas revistas podiam ser lidas aos saltos, sem uma seqüência lógica indo da primeira à última página. As principais revistas ilustradas cariocas, aliás, sequer possuíam paginação. Assim, determinados temas se repetiam ao longo de um mesmo número, sendo comentados por uma notícia em uma página, uma charge páginas adiante, e por uma piada contada numa outra página mais à frente.

Desta forma, a forma pela qual a *Careta* interpretou a charge do *Sarmiento* e a utilizou como matéria de comentário jornalístico e de humor deve ser buscada neste padrão não seqüencial de discurso. Efetivamente, algumas páginas após a reprodução da ilustração do diário portenho surge um elaborado desenho de J. Carlos (José Carlos de Brito e Cunha), principal chargista da revista. Nele figura um macaco vestido de fraque, luvas e cartola (estas deixadas sobre uma mesa) entregando um enorme cacho de bananas a uma dama que ostenta várias jóias e um penacho onde se lê “*Sarmiento*”. A ação se passa em uma sala que, entre outros objetos, está decorada com um retrato que

* Professor Adjunto de História da América da Universidade Federal de São João del Rei. Esta comunicação é resultado de pesquisa financiada pela Fapemig.

possui a inscrição “D. Zeballos – ex-Bismarck sulamericano” e com um cajado disposto sobre uma mesa, cajado que em uma ponta ostenta a miniatura de um navio de guerra, que leva o nome de “Minas Gerais”. Abaixo, lê-se na legenda: “Con mucha consideración, para usted y su respetable familia”.

O episódio daria margens a uma série de outras charges e comentários humorísticos escritos nos números subsequentes da revista. Mas antes de chegar a eles, vamos examinar o que temos até aqui.

Como a charge do jornal portenho não é muito nítida, não é possível saber apenas pela *Careta* qual era exatamente a piada feita com o Brasil. Todavia, tem-se a impressão, pela resposta da revista brasileira, que havia ali uma alegoria ao Brasil, representado pelo macaco que, de alguma forma, seria um brinquedo nas mãos do poderoso ministro brasileiro das relações exteriores. Se esta interpretação estiver correta, J. Carlos escolheu, então, devolver o favor, invertendo os elementos da charge original. O Brasil, na forma de um garboso macacão, presenteia um constrangido *Sarmiento*, enquanto o desenhista lembra ao leitor o provável instigador do ataque humorístico deste jornal, o ex-ministro das relações exteriores argentino (março de 1906-junho de 1908), Estanisláo Severo Zeballos, chamado zombeteiramente de “ex-Bismarck sulamericano”. A réplica do “Minas Gerais” completava o quadro de referências. Esta nova alegoria se apresentava como uma resposta à charge argentina, fazendo de ambas expressões de uma disputa diplomática entre os dois países.

Naquele ano de 1908 recém saíra do estaleiro inglês *Armstrong, Whitworth & Co. Ltd.* o primeiro couraçado moderno da marinha brasileira, o “Minas Gerais”, que fazia parte de uma compra original de três navios da novíssima classe “dreadnought”, surgida na Inglaterra em 1906, e de embarcações menores. Esta compra fora aprovada pelo Congresso Nacional em 1904, como forma de sanar as péssimas condições tecnológicas que a Marinha se encontrava após a Revolta da Armada de 1893. O projeto original de 1904 foi reduzido em 1906, e de novo em 1909, quando se limitou à entrega de dois couraçados, o “Minas Gerais” e o “São Paulo” e algumas belonaves menores. Em 1908, após uma campanha que contou com forte apoio dos jornais “La Prensa”, onde Zeballos fizera carreira como jornalista, e “La Razón”, a o Congresso argentino aprovou seu próprio rearmamento naval, encomendando dois couraçados aos Estados Unidos, que viriam a ser entregues em 1911.

Neste contexto, a inserção de uma referência ao couraçado podia ser interpretada como uma ameaça da parte do macaco, que escolhia o presente irônico e cavalheiresco ao uso da força. Mas por que o Brasil usaria seu recém adquirido navio, um dos mais modernos do mundo na época, contra seu vizinho? Tudo por causa de uma simples charge? Evidentemente não. Aquele era apenas mais um capítulo de uma disputa travada pela imprensa dos dois países no contexto das turbulentas relações diplomáticas no período de Rio Branco como ministro (1902-1912). Os jornais e revistas de parte a parte publicavam ilustrações, notas, artigos, comentários, ora elogiando, ora atacando o país vizinho. A charge do *Sarmiento*, neste sentido, não tinha nada de especial. Todavia, ela viria a se destacar por conta de uma leitura menos restrita à conjuntura da rivalidade militar entre Argentina e Brasil.

Essa rivalidade é a tônica da historiografia sobre as relações exteriores do Brasil. Restrita à esfera do Estado, tal historiografia procura compreender as orientações políticas e as doutrinas diplomáticas adotadas pelos governos brasileiros, localizando suas causas nas visões que os principais agentes formuladores de tais políticas tinham do mundo, das relações diplomáticas mundiais e do jogo de poder em esferas regionais, hemisféricas e mundiais. Não cabe aqui uma análise mais detida de tais obras, mas pode-se dizer que ela não chega a examinar totalmente as relações entre o Brasil e outros países, na medida em que submete outros agentes, notadamente a imprensa, que na época possuía uma proeminência ímpar na esfera pública e na vida cultural, a meros sustentáculos desta ou daquela posição adotada pelos altos formuladores das doutrinas diplomáticas. Cabe, então, uma outra orientação, que tome a imprensa, por exemplo, como um agente que media interesses e opiniões de certos setores da sociedade e as preocupações de poder do Estado, e também como um palco em que ora ela, ora seus fazedores, os jornalistas, constroem interpretações e soluções próprias sobre as relações entre o Brasil e outras nações. Pode-se ir mais além: pode-se tomar a imprensa como um agente que formula uma instância independente do Estado onde ocorrem trocas intelectuais e culturais com outros países. No contexto do início do século XX, a Argentina se destaca como uma preocupação, um lugar de curiosidade, um país de interesse, uma nação que produz personalidades que merecem ora repúdio, ora despertam atração, outras vezes geram necessidade de maior conhecimento.

Uma reorientação dos estudos sobre as relações entre Argentina e Brasil não deve, todavia, esquecer as relações diplomáticas, posto que elas recheiam as páginas da imprensa dos dois países. Mas ela deve tratar esta imprensa como um lugar que tem sua própria lógica de formulação de representações tanto sobre essas relações diplomáticas, quanto sobre as duas nações. Ao mesmo tempo, deve destacar seu caráter amplamente circular, na medida em que os órgãos de comunicação não se restringiam pelas fronteiras nacionais, pois não tomavam como material somente os debates políticos e as medidas governamentais de seus respectivos governos, mas comentavam, elogiavam, criticavam intensamente o que era publicado no país vizinho. Havia uma linha de comunicação e de troca que operava de forma autônoma em relação às linhas formais da diplomacia.

A imprensa ilustrada, novidade da primeira década do século XX, permite uma rica abordagem deste problema. Utilizando-se do humor e de expressões gráficas de vários tipos (fotografias, caricaturas e charges), ela criou uma nova forma de comentário dos acontecimentos cotidianos urbanos e dos eventos políticos nacionais e internacionais. Apesar de abrir espaço para articulistas, seu forte mesmo foi seguir a trilha aberta por Ângelo Agostini que nas páginas da *Semana Ilustrada*, desde a década de 1880 fizera da arte gráfica uma nova forma de discurso que debatia as questões que animava a esfera pública brasileira.

No Rio de Janeiro se destacaram as revistas *Careta* (que surgiu em 1908), *Fon-Fon* (criada em 1907) e *O Malho* (surgida em 1903). Elas rapidamente se tornam as mais populares (o que se refletirá em sua longevidade, sobretudo da *Careta*), como introduzem novos aspectos na imprensa moderna no Brasil (fotos e ilustrações, impressão a cores, diagramação, publicidade etc.), agregam alguns dos principais desenhistas e jornalistas do período (J. Carlos e K. Lixto, por exemplo). Nas suas páginas, é notável a presença da Argentina, desde os primeiros números, numa seqüência de charges, notas, pequenos textos, caricaturas, que faz dela um dos temas mais constantes no período em que Rio Branco esteve à frente do ministério de relações exteriores.

As idas e vindas das relações diplomáticas entre Brasil e Argentina possuem um peso considerável, nem de perto atingido pelas relações com outros países, com a possível exceção dos Estados Unidos. De especial interesse era o que se publicava sobre

a política exterior argentina e sobre a reação da diplomacia brasileira. As visitas de diplomatas e líderes argentinos ao Brasil, e brasileiros à Argentina, rendem inúmeras notas, fotografias e ilustrações. Seja na sua variedade, seja na sua quantidade, tais expressões colocam em marcha uma série de identificações de duplo sentido, ou seja, que constroem imagens antitéticas das duas nações. Nenhum outro país surge com a mesma função, nas páginas das três publicações que aqui analiso, com comparável intensidade.

Quando a ilustração de *Sarmiento* foi publicada, a imagem da Argentina como uma nação rival do Brasil já circulava amplamente pelas revistas ilustradas. Em 1905, por exemplo, *O Malho* publicava uma charge em que o personagem “Zé Povo”, figura comum nas artes gráficas da época para representar o povo brasileiro, questionava, com ar desafiador, o ministro plenipotenciário argentino no Rio de Janeiro, Manuel Gorostiaga, sobre a atitude típica da Argentina para com o Brasil: “Então, como é isso sr. Ministro? Os seus patrícios querem divertir-se com o Brasil? Só levam a caluniar e a dar couces... Veja lá isso, hein?”¹ Diga-se de passagem que esse “Zé Povo” d’*O Malho* se assemelhava bastante aos capoeiras que a própria revista vez ou outra desenhava, inclusive na inserção de traços que podiam ser lidos como de um indivíduo negro ou mestiço, como uma boca larga e de beiços nitidamente delineados, e cabelos enrolados.

Uma imagem, em especial, circulava, imagem cujas origens certamente residem numa tradição que remontava ao Império que caracterizava a América hispânica como um conjunto de países violentos, instáveis e anti-liberais. Nestas ilustrações, a Argentina é caracterizada em vestes típicas espanholas. Esta caracterização está presente também em notas e artigos. Nas palavras do cronista Ruy Vaz, pseudônimo possivelmente de Aluísio Azevedo, no número de 21 de janeiro de 1905 de *O Malho*, “boa espanhola de punhal na liga” que “atroia os ares com a explosão do seu ciúme”.¹ A Argentina é ironicamente chamada de “leal e valorosa amiga”, “nossos amáveis vizinhos”, “afetuosa inimiga”, quando não se menciona a “perfidia inimiga” de forma direta². Em outros momentos, mostra-se surpresa quando a imprensa portenha chama o Brasil de nação irmã ou amiga.³

¹ “Em Petrópolis”, *O Malho*, 16 de dezembro de 1905.

A questão do rearmamento naval foi um tópico que gerou inúmeros comentários gráficos e escritos, talvez o que mais tenha produzido referências à Argentina e à posição do Brasil em relação ao país vizinho. O tema despertava uma paixão compreensível. Estávamos no auge do imperialismo, em que os países europeus, com a Grã-Bretanha à frente, conquistavam o mundo baseados na força de suas esquadras. Era também comum o uso por parte das grandes potências contra os países mais fracos da famosa “diplomacia das canhoelras”, como ocorreu entre dezembro de 1902 e fevereiro de 1903 com o bloqueio e bombardeio de Puerto Cabello, na Venezuela, por navios italianos, alemães e britânicos, como forma de pressionar o governo de Cipriano Castro a pagar uma dívida com os governos da flotilha agressora. Por fim, a importância de uma esquadra moderna e bem equipada ficara ainda mais evidente quando o pequeno Japão, tido como uma nação exótica e atrasada, arrasara a Rússia, potência européia, na guerra de 1904-1905, tendo como sustentáculo de sua vitória a ofensiva marinha que lançara ao início do conflito, ofensiva liderada por imponentes couraçados.

Na crônica semanal para *O Malho*, em 22 de abril de 1905, J. Bocó acusava a nação de viver um “*dolce far niente*”, dedicada apenas à rele política. E ironizava: “e assim vamos vivendo da gloriola de primeira nação da América do Sul, mas só de boca, de embaixadas e de projetos, como se não fosse teoria de gigante papão, que mete medo unicamente às crianças inocente na arte de tombar colossos, em três tempos, como o Japão tem feito à Rússia”. O sentido era claro: o Brasil tinha que fazer valer a tradição herdada do Império, o que somente ocorreria, no novo contexto, *manu militari*. Do contrário, um país até então sem maior expressão militar poderia transformar o Brasil, “colosso” territorial e populacional, numa nova Rússia.

Mas o investimento brasileiro no “Minas Gerais” e no “São Paulo” passou a ser apresentado como a ordem natural restabelecida, e parece ter permitido uma abordagem menos rancorosa da Argentina, o que levou a um tom francamente sarcástico. Os argentinos surgem como fanfarrões e sua nação como uma pessoa ridícula e pretensiosa. Uma entrevista ficcional da *Careta* em 3 de janeiro de 1909 com uma vidente apresentava uma Argentina que conquistaria toda a América do Sul, com navios feitos de folhas de flandres e com canhões de latão. Um falso telegrama publicado na mesma revista no número de 9 de abril de 1910 dava conta que 50 mil soldados argentinos invadiriam o Chile e, a seguir, “imitando o exemplo de seus antepassados,

provavelmente não chegarão ao campo de batalha, pois desertarão com o habitual heroísmo argentino quando verificarem que a guerra não é de brincadeira”.

Pode-se detectar atitudes mais incertas em relação a outros dois assuntos: imigração e população. Menos freqüentes que o rearmamento, com ele guardam, contudo, algumas pontes (uma das razões, por exemplo, de espanto dos entrevistadores da fictícia vidente pela *Careta*, mencionada acima, era que a Argentina possuía apenas 4 milhões de habitantes). Nota-se em alguns textos e ilustrações um certo despeito como substrato das ironias. Uma coluna fictícia, publicada na *Careta* de 04 de novembro de 1909, apresentava oito telegramas recebidos de Buenos Aires num mesmo dia, cada um sobre o aumento populacional da cidade, que teria passado de 500 mil habitantes às cinco horas da manhã, para 2 milhões às onze da noite, quando o censo foi interrompido pelo governo, “por achar insuficientes seus algarismos”.⁴ Talvez a *Careta* ironizasse algum ufanismo argentino, mas o fato é de que Buenos Aires era em 1909 a maior cidade da América Latina, após um crescimento vertiginoso que a levava de 230 mil habitantes em 1875 (população equivalente ao Rio de Janeiro) para 1,575 milhão de habitantes em 1914 (contra pouco menos de 900 mil da capital brasileira). É possível, então, que o humor servisse como paliativo a um incômodo. Afinal, o que a piada efetivamente revelava era a causa do crescimento quase exponencial da população portenha: a chegada de europeus.

Como se sabe, ainda que a imigração européia não tenha tido origem em algum projeto arquitetado pelas elites econômicas do sudeste brasileiro, ela passou a ser um tópico de grande importância no debate público entre 1880 e 1920. No que tange a certos intelectuais, jornalistas, professores, médicos e literatos, a imigração era elogiada e ansiada como uma forma de embranquecer e europeizar o Brasil. A questão racial estava por trás de vários – senão da maioria – autores que buscavam estimular os governantes a incrementar a importação de mão-de-obra européia. Não é possível dizer, contudo, que os redatores e desenhistas das revistas ilustradas tivessem os mesmo motivos racistas. Não há muitos elementos para tanto. O que se pode notar é somente a frustração com o atraso brasileiro em relação à Argentina no que tange a atração de imigrantes europeus.

Desde, pelo menos, 1889 a imprensa já vinha noticiando a forma desleal de agir do governo argentino na questão, seja propagandeando na Europa que o Brasil não era

um bom destino, seja mandando seus agentes competirem diretamente com os agentes brasileiros encarregados de convencer os europeus a emigrarem.⁵ Nos primeiros anos do século XX, nas páginas das revistas ilustradas, a questão da imigração, do tamanho da população e de suas características raciais era tratada de forma ambígua, para se dizer o mínimo – frisando-se que a reunião de várias charges e textos diferentes não deve obstruir o fato de que poderia haver distintas formas de ver o encadeamento destas questões entre os jornalistas e desenhistas das três revistas.

Em 1906, Elihu Root, secretário de Estado dos Estados Unidos, compareceu à 3ª Conferência Panamericana, realizada no Rio de Janeiro. A seguir, Root visitou Buenos Aires. Noticiou-se no Brasil que a comitiva americana fora apedrejada em um de seus passeios pela capital argentina. Outro fato que teria ocorrido, segundo *O Malho*, seria a publicação pelo governo argentino de um folheto estatístico comparativo entre Argentina e Brasil, como forma de impressionar favoravelmente o visitante. Uma charge de *O Malho*, de 25 de agosto de 1906, intitulada “Obra de confraternisación dos argentinos” representava o diálogo entre um brasileiro e Rio Branco. Este relatava o apedrejamento do secretário de Estado, dizia que a população brasileira fora reduzida pelos propagandistas argentinos para 14 milhões (o censo de 1900 apresentara mais de 17 milhões), sendo que oito seriam de negros e mestiços, perguntava o que o ministro achava daquilo tudo. E ele respondia de forma irônica, afirmando que as mentiras somente provavam que a Argentina não era a primeira nação da América do Sul, e sim a primeira civilização “do pedregulho” – enfim, os verdadeiros selvagens do continente. O chargista não denunciava o preconceito inerente ao destaque dado a que a maior parte da população brasileira seria negra e mestiça. Mas, ao mesmo tempo, acusava a Argentina de ser a verdadeira república do atraso. Era calúnia que havia tantos negros e mestiços no Brasil, ou que sua população não era tão grande? Ter negros e mestiços não era relevante para o caso, ou apenas não era um empecilho para o Brasil ser a potência hegemônica, visto a vantagem numérica ainda nos favorecer em termos absolutos (9 milhões de brancos brasileiros contra 4 milhões de brancos argentinos)?

O Malho publicaria uma outra charge interessante que permitia uma interpretação anti-racista da competição entre Argentina e Brasil, ainda a respeito das pretensas pedradas recebidas por Elihu Root. Em “Cortesia de louros e pretos”, desenhada por J. Carlos e publicada na edição de 1º setembro de 1906, o leitor

identificava Tio Sam segurando com o braço direito sua famosa cartola recheada de pedras, das quais saía uma fumaça que formava no ar o brasão argentino; com a mão direita ele oferecia em direção a uma mesa que sustentava um busto de James Monroe (o formulador, em 1823, da doutrina “a América para os americanos”) um pequeno coração do qual outros eflúvios formavam o brasão do Brasil. Havia uma legenda que apenas reforçava a diferença entre as pedradas argentinas e a gentileza e amizades brasileiras. É bem possível ler no título de tal charge um jogo de palavras entre coroa de louros, já que ambos brasões republicanos eram ornados com uma coroa de louros, e “louros” como uma referência à Argentina e “pretos” como um referência ao Brasil. Afinal, a charge jogava com a aproximação e o distanciamento: as duas repúblicas sul-americanas receberam o visitante americano oferecendo-lhe algo, paralelo frisado pelo desenho dos dois brasões coroados de louros, louros mencionados no título; todavia, eram duas cortesias distintas, distinção feita entre “louros e pretos”.

Podemos, então, voltar à charge do *Sarmiento*, já que ela se enriquece com a comparação com o que vimos imediatamente acima. À primeira vista, é tentador interpretar a irritação da *Careta* e de J. Carlos emergindo de uma ofensa de cunho racial. Afinal, se tornara bastante famosa a forma pela qual as tropas paraguaias chamavam os brasileiros durante a Guerra da Tríplice aliança, quando Argentina e Brasil foram aliados: “macaquitos”. E em 21 de janeiro de 1905, *O Malho* descrevia uma ilustração do *Gladiador* de 30 de dezembro de 1904 que representava o Brasil como um primata com cinturão, espada e chapéu de palha e penacho vermelho, em cujo lado estava uma bacia d’água com barquinhos de papel, numa óbvia crítica aos projetos de rearmamento naval. *O Malho* respondia com uma outra charge, de Augusto Cândido: um arlequim, símbolo da revista, oferecia ao presidente argentino Manuel Quintana uma camisa de força, para que este prendesse “seu pinta-monos”, isto é, *El Gladiador*.

Aqui se impõe questionamento similar ao levantado pela crítica do *Sarmiento*. Incomodava a aproximação entre o Brasil e o negro, através da vinculação racista de um “macaco”, ou o incômodo era com a acusação de que o país imitava, isto é, macaqueava a vontade de um ministro (como se poderia pensar a ver a charge do *Sarmiento*) ou das grandes potências navais (como se poderia imaginar a partir da charge do *El Gladiador*)? Como se vê, as interpretações podem variar, já que as charges jogavam com uma série de referências cruzadas, e usavam signos que apontavam para vários

referenciais, inserindo-se, por fim, num contexto em que o negro tanto aparecia como um elemento positivo, como negativo.

Sobre este ponto, destaca-se uma curiosa charge publicada n' *O Malho* de 7 de fevereiro de 1903: detrás de um muro que tem a inscrição “fronteira argentina”, surge uma mulher com ar raivoso e mostrando os punhos. Ela leva no avental o título de “Nación” e “La Prensa”, nomes dos dois principais jornais de Buenos Aires. A seu lado, quase pulando o muro, uma criança negra, chamada “El diário”, que também brande seus punhos fechados e parece estar gritando algo. O título da charge é “A vizinhança”. Devido à importância do *La Nación* e do *La Prensa*, órgãos que a imprensa brasileira às vezes identificava como crítica ao Brasil, é bastante plausível entender a figura do *El Diário* como a de um moleque de recados que é ainda mais ousado que a mulher, sua patroa, já que chega a ultrapassar a fronteira que separava os países vizinhos.

Assim, quais conclusões tirar dessas variações sobre representações, figuras e referenciais? É possível tecer um quadro nítido destes macacos, navios, pedras, negros, selvagens, patrões, ministros, norte-americanos e propagandas para emigrantes? Talvez esse objetivo não seja o importante a se alcançar. A forma gráfica pela qual tais elementos eram articulados compunha um discurso, em revistas que optavam pelo humor e pelas notas curtas, fragmentário, ao mesmo tempo rebuscado e simples. Além disso, representava visões dos artistas gráficos e dos veículos que propunham as pautas. Visavam, por fim, responder a um público que, naquele início do século XX, começava a se alimentar de um novo nacionalismo ufanista. Ainda que muitas vezes as ilustrações podiam apresentar interpretações simplistas da realidade, como a de que a Argentina atacava de forma traiçoeira e sem justificativa um país pacífico como o Brasil, ela ofereciam outros níveis de análise da realidade que podiam ir justamente contra outros consensos, como o oferecido pelo racismo que grassava em outros discursos públicos da época. Ou talvez sequer se importassem com as conotações racistas que os ataques argentinos pudessem ser, já que o signo do macaco servia para outros fins. Numa referência cruzada com a charge que mostrava uma camisa de força oferecida pel' *O Malho* em 1905 ao presidente argentino, a seção “Telegramas” da *Careta* de 19 de fevereiro de 1910, se referia a Estanislão Zeballos como um maluco, alguém atacado da doença dos “macaquinhos no sótão”.

É possível, certamente, analisar as menções à questão racial pelo viés proposto por Ilmar Rohloff Mattos, isto é, segundo a interpretação de que havia, na *Belle Époque*, um incômodo entre as elites brasileiros com o fato da Argentina “revelar” que o Brasil estava cheio de “macacos”. Mas ressalta que o veículo oferecido pelas ilustrações, enriquecido pelas curtas notas irônicas, implicava num mecanismo discursivo recheado de inversões, ambigüidades e meio-entendidos, o que tornava o significado das charges passivo de ser lido em sentidos distintos daqueles trazido por uma iluminação a partir do contexto intelectual do período. A linguagem cômica e fragmentária das revistas ilustradas permitia que até mesmo se questionasse algumas premissas do processo de formulação de significado, sobretudo, creio, na questão do racismo, que, não se pode negar, era uma questão premente da época. Afinal, todo aquele preconceito racial (fosse brasileiro ou argentino) não poderia ser simplesmente classificado como uma coisa de quem não tinha mais do que “macaquinhos no sótão”?

BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra América”: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Tese de doutorado em História; Universidade de São Paulo, 1998.

BUENO, Clodoaldo. *Política externa da Primeira República: os anos de apogeu – de 1902 a 1918*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003.

LOREDANO, Cássio. *O bonde e a linha: um perfil de J. Carlos*. Rio de Janeiro: Capivara, 2002.

MATTOS, Ilmar Rohloff, “Um ‘país novo’: a formação da identidade brasileira e a visão da Argentina”, in Vários. *Brasil-Argentina: a visão do outro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2000, pp. 57-96.

PARADISO, José. *Um lugar no mundo: a Argentina e a busca de identidade nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PREUSS, Ori. *Bridging the Island: Brazilian Elite Views of Spanish America and Themselves, 1888-1912*. Madri: Vervuert-Verlag, 2011.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

¹ Ver, ainda, Leônidas, “Só para moer”, *O Malho*, 08 de setembro de 1906, com uma referência indireta à Argentina. “Ruy Vaz” (Aluísio Azevedo) era personagem do romance memorialista *A Conquista* (1899), de Henrique Maximiano Coelho Neto. Nenhuma das publicações aqui analisadas possuía numeração de páginas.

² *Fon-Fon*, 21 de dezembro de 1907; *Careta*, 12 de setembro de 1908; Vol-Taire, “Almanaque das glórias – Dr. Roque Sáenz Peña”, *Careta*, 11 de junho de 1910; Vol-Taire, “A nossa crise política e a imprensa argentina”, *Careta*, 26 de junho de 1909.

³ “Telégrafo sem fio”, *Careta*, 08 de maio de 1909.

⁴ Se em 1875 o Rio de Janeiro tinha 275 mil habitantes, contra 230 mil de Buenos Aires, em 1914 a capital argentina passara a contar com mais de um milhão e quinhentos mil habitantes, contra pouco mais de 800 mil cariocas. Nem o mais ufanista brasileiro poderia negar a dianteira argentina neste aspecto.

⁵ Como se vê, por exemplo, em “Roma - 25-07-1889 - Exterior – Correspondência”, *Jornal do Comércio*, 28 de agosto de 1889, e em “Congresso de emigração - Folhetim do Jornal do Comércio”, *Jornal do Comércio*, 27 de setembro de 1889.